

# Práticas educativas coercitivas: valem a pena?

---

*Melania Moroz*

Diferentes instâncias da sociedade atuam no sentido de influenciar as ações das pessoas – a família é uma delas. Pais tanto procuram desenvolver, em seus filhos, comportamentos que julgam adequados, quanto agem no sentido de diminuir ou eliminar a ocorrência de comportamentos que julgam inadequados.

As práticas educativas dos pais apresentam diferentes formas, sendo possível categorizar algumas delas como práticas coercitivas. Sidman (2001)<sup>1</sup>, em trabalho em que reflete sobre as implicações do uso da coerção, afirma: “Por coerção eu me refiro a nosso uso da punição e da ameaça de punição para conseguir que outros ajam como nós gostaríamos e à nossa prática de recompensar pessoas deixando-as escapar de nossas punições e ameaças” (p. 17). Em outras palavras, pode-se dizer que existe coerção quando alguém, visando direcionar as ações de outrem, ou impinge-lhe danos (físicos, emocionais, morais) ou retira-lhe algo importante (pertences, privilégios, afetos) ou ameaça alguém com tais possibilidades.

Exemplos de práticas coercitivas são muitos: retirar a mesada ou impedir de ver os amigos, humilhar, agredir verbalmente (reprender/discutir) e até mesmo castigar fisicamente são alguns dentre tantos outros que poderiam ser citados. No caso específico de aplicação de castigos físicos, pesquisas em diferentes países detectam-na como uma prática comum de pais e professores.

Burnett (1998), focalizando a África do Sul, verificou que pais, e também professores, aceitavam o castigo físico como forma de levar crianças a serem disciplinadas e controladas socialmente. Youssef e outros (1998a; 1998b), em pesquisas realizadas no Egito, detectaram que a punição corporal era adotada por pais, e até mesmo por professores, como forma de disciplinar crianças e adolescentes com conduta não correspondente ao padrão comportamental desejado. Guerra e outros (1992), focalizando a violência doméstica no Brasil,

1 Publicação original em 1989.

também identificaram a presença de castigos físicos nas práticas educativas familiares: como destacam, há abuso por parte de pais e responsáveis, chegando até mesmo a maus-tratos da criança. O estudo de Alvarenga e Piccinini (2001), com mães de crianças pré-escolares com idade média de 5 a 8 anos, também evidenciou que a criança desde muito cedo é exposta a práticas coercitivas, incluindo-se a punição física.

Considerando a relevância de obtenção sistemática de informações a respeito das práticas educativas da família, o presente trabalho teve como objetivo identificar a atuação dos pais<sup>2</sup> em relação aos comportamentos, considerados desejáveis ou indesejáveis, emitidos pelos filhos.

### Procedimento metodológico

Participaram como sujeitos 121 crianças, de ambos os sexos, com idade variando entre 10 e 12 anos e que freqüentavam a 5ª série do ensino fundamental de uma escola pública do município de São Paulo. A escola, localizada em bairro de região central com condições infra-estruturais adequadas, inclusive de transporte coletivo, atende da 5ª série ao ensino médio. Portanto, os alunos da 5ª série são provenientes de outras escolas nas quais realizaram o primeiro ciclo do ensino fundamental.

Foi aplicado um conjunto de questões fechadas relativas às práticas parentais, foco do presente trabalho. Procurou-se obter informações sobre a atuação dos pais e sobre as razões que os levam a agir da forma como o fazem, na opinião das crianças. Solicitou-se que assinalassem alternativas, tantas quantas julgassem adequadas, num conjunto de cinco questões (vide anexo).<sup>3</sup>

Tendo em vista que o grupo de sujeitos poderia precisar de auxílio na leitura do questionário, optou-se por fazer a aplicação da seguinte forma: o pesquisador leu questão por questão, dando tempo para os sujeitos responderem.

2 No presente trabalho, são considerados como *pais* os adultos, com relação biológica ou não, que, de acordo com a criança, são responsáveis por sua educação, qualquer que seja a configuração familiar.

3 As alternativas foram elaboradas tendo por base as informações existentes na literatura.

## Resultados

Um tipo de informação que se julgou importante obter refere-se àquilo que, segundo os alunos, desagradava aos pais; essa informação permite identificar os comportamentos dos filhos que são alvo da atuação dos pais no sentido de eliminar ou diminuir sua ocorrência.

Tabela 1<sup>4</sup> – Comportamentos que, segundo os sujeitos, desagradam aos pais

Comportamento do aluno	Freqüência de respostas ao item	%
Brigar em casa	44	44,44
Estragar as próprias coisas	41	41,41
Ir mal na escola	33	33,33
Ficar fora de casa	29	29,9
Sair/manter certas amizades	26	26,26
Namorar	25	25,25
Estragar coisas da casa/escola	19	19,19
Cabular aula	11	11,11
Fumar	5	5,05
Beber	5	5,05

Quando questionados sobre os comportamentos que desagradavam aos pais, dos 121 alunos, 14 não deram informações e 8 disseram que não os desagradavam; considerando os 99 alunos que forneceram informações, verifica-se que *brigar em casa*, *estragar as próprias coisas* e *ir mal na escola* foram os comportamentos que maior número de alunos destacou como provocando desagrado aos pais (respectivamente, 44,44%, 41,41% e 33,33%). Embora menos citados pelos alunos, mas com freqüência acima de 25,0%, destacam-se *ficar fora de casa*, *sair/manter amizades com determinadas pessoas* e *namorar*.

- 4 Como já salientado, os sujeitos puderam assinalar mais de um item, por questão. Nas tabelas, a primeira coluna apresenta a freqüência em que determinado item foi assinalado pelo grupo de sujeitos. Na segunda coluna, apresenta-se a porcentagem de alunos que assinalou aquele item, considerando-se a relação entre o número de sujeitos que assinalou o item e o total de sujeitos que respondeu à questão.

Os pais procuram influenciar seus filhos no sentido de mudar a forma de agirem; de que modo procuram fazê-lo? A Tabela 2 apresenta a atuação dos pais; como pode ser observado nos itens que a compõem, há diferentes formas de atuação que não são excludentes, daí terem sido assinaladas diversas alternativas pelos alunos.

Tabela 2 – Atuação dos pais, segundo os filhos, diante dos comportamentos que lhes desagradam

Atuação dos pais	Frequência de respostas ao item	%
Conversar com o filho	70	70,70
Bater no filho	69	69,69
Tirar algo que agrada ao filho	42	42,42
Repreender/discutir com filho	41	41,41
Obrigar fazer algo	17	17,17
Falar do filho a alguém	17	17,17
Xingar	16	16,16
Humilhar	8	8,08
Ignorar o filho	5	5,05
Outros	2	2,02

Considerando as informações dos 99 alunos que disseram desagradar aos pais, verifica-se que duas reações dos pais são mais freqüentes, já que citadas pela maioria (aproximadamente 70%) dos alunos: *conversar e bater no filho*. Outras duas reações, citadas aproximadamente por 40% dos sujeitos, são *tirar algo de que o filho gosta e repreender/discutir*. Verifica-se que, embora um grande número de pais converse com os filhos sobre o que ocorre, também se evidencia a presença de ações coercitivas, sendo o bater citado por elevado número de sujeitos.

A seguir, nas tabelas 3 e 4, há informações mais detalhadas sobre este tipo de ação coercitiva dos pais – bater nos filhos.

Tabela 3 – Regiões do corpo em que os pais batem, segundo os filhos

Regiões do corpo	Frequência de respostas ao item	%
Pernas/coxas	44	65,67
Braços/mãos	34	50,74
Nádegas	31	46,26
Costas	24	35,82
Cabeça/rosto	5	7,46

Dos 69 sujeitos cujos pais batem, 67 deram informações sobre as regiões do corpo atingidas. Como pode ser observado, o item *pernas/coxas* foi assinalado pela maior parte (65,67%) dos alunos que dizem ser alvo de castigos físicos, e os itens *mãos* e *nádegas* foram citados por aproximadamente metade deles (respectivamente, 50,76% e 46,26%).

Tabela 4 – Modo como os pais batem

Modo de bater	Frequência de respostas ao item	%
Com as mãos	41	68,33
Com chinelo/sapato	27	45,00
Com cinta	26	43,33
Com outros objetos	3	5,00
Com chutes	2	3,33

Dos 69 alunos cujos pais batem, 60 forneceram informações sobre a forma como os pais lhes impingem castigos físicos. Verifica-se que o item assinalado pela maioria dos alunos (em torno de 70,0%) é o referente à utilização das próprias *mãos*. Embora uma menor proporção de alunos faça referência ao *uso de objetos*, o chinelo/sapato e a cinta ainda estão presentes na reação de bater dos pais (respectivamente, 45,00% e 43,33%).

Além das informações relativas à forma como os pais agem quando o filho faz algo que lhes desagrada, procurou-se obter informações sobre o modo de agir dos pais quando os comportamentos dos filhos lhes agradam.

Tabela 5 – Atuação dos pais, segundo os filhos, ante os comportamentos que lhes agradam

Atuação dos pais	Frequência de respostas ao item	%
Elogiar o filho	105	87,50
Dar algo de que o filho gosta	76	63,33
Dizer para o filho repetir	72	60,00
Deixar o filho fazer algo	65	54,16
Contar a respeito para outros	56	46,66
Dizer que é obrigação	53	44,16

Do total de 121 sujeitos, praticamente todos (120 deles) responderam comportar-se de modo que agradava aos pais, diferentemente do que aconteceu na questão relativa aos comportamentos que desagradavam aos pais. Como pode ser observado, o item mais citado pelos alunos (em torno de 90,0%), como forma de reação dos pais, é *elogiar*. Embora com menor frequência (em torno de 60%), dois outros itens foram especialmente assinalados: *dar algo de que o filho gosta* e *dizer para repetir o que fez*.

## Discussão

Cotidianamente pais procuram influenciar filhos: tanto querem levá-los a apresentar determinadas ações, quanto atuam no sentido de eliminar aquelas que julgam inadequadas. Quando os filhos atuam na direção esperada pelos pais, estes costumam agir de forma a manter o comportamento dos filhos ou a torná-lo mais freqüente, e, no caso de ações julgadas inadequadas, atuam no sentido de eliminá-las. No presente trabalho, procurou-se identificar como pais atuam em relação aos seus filhos quando estes apresentam comportamentos desejáveis e indesejáveis.

De que forma os pais atuam? Em relação aos comportamentos desejáveis, os pais atuam principalmente elogiando a ação do filho, dando-lhe algo de que gosta ou dizendo para o filho repetir a ação. Em outras palavras, os pais conseqüenciam as ações dos filhos de modo a aumentar a probabilidade de que

ocorram novamente; no caso, se o *elogio*, a oferta de algo e o dizer para repetir têm como efeito a manutenção ou aumento da frequência de tais ações, diz-se que são positivamente reforçadores.<sup>5</sup>

Com o uso de reforçadores positivos, como reiteradamente salientado por B. F. Skinner em suas obras, ensina-se a outrem, sem sub-produtos indesejáveis e de modo eficiente, aquilo que se deseja. Expressando a mesma posição, Sidman (2001) afirma:

Os reforçadores positivos fortalecem quaisquer ações que os tenham produzido. (...) O reforçamento positivo nos deixa com algo que desejamos, ou em condições de fazer ou obter algo vantajoso, com comportamentos e recursos que nos ocupam positivamente e com sentimentos que não são de alívio, mas de satisfação. (pp. 247-248)

Quanto aos comportamentos considerados indesejáveis, os dados mostram que os pais atuam tanto de forma presumivelmente não-coercitiva, no caso conversando com os filhos, como de formas coercitivas; em relação a estas, as mais citadas foram *impingir castigos físicos*, *tirar algo que agrada* e *repreender/discutir*. Verifica-se, portanto, que uma das práticas é o castigo físico, que é aplicado em diversas regiões do corpo (pernas/coxas, braços/mãos e nádegas), com utilização não só das mãos, mas também de outros objetos como cinta e chinelo/sapato.

Com base nos relatos dos sujeitos do presente estudo, podemos afirmar que os pais aceitam, como procedimento educativo, o uso de práticas coercitivas, inclusive aquelas que promovem danos físicos nos filhos, o que corrobora com o apontado pela literatura (Burnett, 1998; Youssef, 1998a, 1998b; Alvarenga e Piccinini, 2001, entre outros). Tais práticas são formas comuns de punir, que envolvem ou a retirada de reforçadores positivos ou a aplicação de reforçadores negativos, como fica evidenciado no trecho, a seguir.

5 Atente-se para o fato de que a identificação daquilo que é positivamente reforçador ocorre a partir da relação entre *comportamento da criança* – *conseqüência liberada pelos pais*. Se a conseqüência produz a manutenção ou o aumento da frequência daquele tipo de comportamento, então pode-se concluir que tal conseqüência é positivamente reforçadora. Em nossa sociedade, elogiar, dar algo de que a criança gosta e dizer para repetir a ação são conseqüências que tendem a serem reforçadoras para as crianças.

Algumas vezes punimos usando a remoção de reforçadores positivos: retiramos brinquedos de crianças depois que elas se comportaram mal (...) Algumas vezes, em vez de retirar reforçadores positivos, tentamos parar uma atividade aplicando reforçadores negativos<sup>6</sup>: espancamos, repreendemos ou ridicularizamos uma criança que se comporta mal. (Sidman, 2001, p. 81)

Dentre os comportamentos citados como sendo indesejáveis pelos pais, três se destacam: *brigar em casa*, *estragar as próprias coisas* e *ir mal na escola*. Destaque-se aqui a presença de relação entre desempenho acadêmico dos filhos e ação coercitiva dos pais, dado este coerente com o apontado por Youssef e outros (1998 a; 1998b) – dentre os fatores que podem levar pais e professores a impingirem castigo físico, encontra-se o baixo rendimento nas tarefas acadêmicas.

E por que os pais impingem castigos físicos diante de comportamentos por eles julgados inadequados? Há, pelo menos, duas possibilidades: os pais supõem que sejam práticas efetivas para eliminar os comportamentos inadequados e/ou sejam efetivas para levar as crianças a apresentarem comportamentos adequados.

A primeira das suposições – que sejam práticas efetivas para eliminar os comportamentos indesejados – pode estar apoiada na verificação do efeito imediato da aplicação de uma punição. Esta suposição, porém, não permanece se confrontada com dados de pesquisas, tal como salientado por Sidman (2001, p. 232); embora, como afirma o autor, "... a cessação imediata do ato punido é a base para nossa crença na punição", práticas coercitivas podem ser questionadas quanto à eficácia na eliminação dos comportamentos indesejáveis. Isto porque, mesmo que o resultado imediato seja sua supressão (ou diminuição da frequência), tal resultado tende a ser apenas temporário, levando à recorrência da atuação do agente punidor diante do comportamento indesejável.

A segunda suposição – de que sejam práticas eficientes na mudança desses comportamentos – vai ao encontro dos dados de Burnett (1998), em cuja pesquisa verificou-se que pais e professores justificam o uso de práticas coerciti-

6 Reforçadores negativos também são identificados a partir da relação *comportamento – consequência*. Se a ação do indivíduo tem o efeito de eliminar uma dada consequência ou evitar que ela ocorra e se eliminar ou evitar tal consequência *fortalece* a ocorrência de tal tipo de ação, diz-se que houve *reforçamento negativo* e que a consequência é um *reforçador negativo*; nesse caso, diz-se que o indivíduo *foge ou se esquiva* de uma consequência *aversiva*. O reforçamento negativo também é uma prática educativa coercitiva.

vas como forma de ensinar crianças e adolescentes a se comportarem de modo adequado (de acordo com o padrão proposto).

Embora pais, e até mesmo professores, julguem que práticas coercitivas sejam eficientes para levar a criança a agir do modo por eles esperado, a literatura aponta para o lado problemático das mesmas. Apoiando-se nos estudos da análise do comportamento, Skinner questiona seu uso; referindo-se especificamente ao uso da punição, afirma o autor (1975, p. 177)<sup>7</sup>: “Não ensinamos uma criança a amarrar o laço do sapato, punindo-a toda vez que não conseguir (...)”. Colocando em foco especificamente o contexto escolar, o autor deixa claro que punir a criança quando apresenta comportamento acadêmico inadequado não é ensinar o comportamento adequado; se este eventualmente ocorrer é por outras razões, que não o ensino do professor.

Não o ensinamos [o aluno] a aprender rapidamente, punindo-o quando aprende devagar, ou a lembrar o que aprendeu punindo-o quando esquece, ou a pensar logicamente, punindo-o quando não raciocina. Em tais circunstâncias o aluno *pode ocasionalmente descobrir por si mesmo* como prestar atenção, como ser aplicado, como aprender e lembrar, *mas nada disso lhe terá sido ensinado.* (Skinner, 1975, p. 141, grifos nossos)

Tomando como exemplo a presente pesquisa, é possível supor que a criança que apanha por ir mal na escola pode agir de diferentes formas: ela pode começar a fazer uso de cola, pode adular a professora, pode mentir sobre o desempenho, pode dizer que perdeu o boletim escolar e, eventualmente, pode passar a estudar. Fica claro, pois, que o comportamento adequado pode não ocorrer, evidenciando-se que punir o comportamento inadequado não ensina o comportamento adequado.

Ainda, supondo-se a alternativa em que a criança passa a estudar, portanto comporta-se da forma esperada, é preciso questionar – por que estaria ela estudando, senão para evitar ser castigada? O estudo, neste caso, em vez de ocorrer porque a criança aprende novos conhecimentos, ocorreria como esquiva de uma situação que lhe é aversiva; diferentemente do que ocorreria se o estudo fosse positivamente reforçador; neste caso a criança não sente satisfação, mas alívio por ter evitado que outro castigo lhe fosse aplicado por seus pais.

7 Publicação original em 1968.

A aplicação de práticas coercitivas tem subprodutos perniciosos, como denunciado por Skinner (1975) e Sidman (2001). Pesquisas recentes mostram, por exemplo, o seu efeito emocionalmente destrutivo (Markward, 1997; Youssef, 1998b), o aumento de comportamentos agressivos, portanto com implicações sociais graves (Markward, 1997; Youssef, 1998b), e a diminuição da aprendizagem acadêmica. Em relação a este último aspecto, ocorre o inverso do que se supõe que tais práticas promoveriam; como salientam Zanotto, Moroz e Gioia (2000), ao discutirem o uso da coerção em sala de aula, em vez de ensinar a estudar, corre-se o risco de ensinar a criança a fazer qualquer coisa para escapar da aversividade da situação.

Práticas educativas coercitivas estão presentes nas diferentes instâncias sociais: desde muito cedo sendo alvo de tais práticas, os indivíduos aprendem a aplicá-las sem questionamentos. Não sendo exceção, pais também o fazem, chegando a ponto de impingir danos físicos à criança. Como exposto, essas práticas não têm efeitos educativos benéficos; ao contrário, são perniciosas, daí a necessidade de superá-las. Se agentes educativos – pais e professores – querem levar filhos e alunos a apresentarem determinadas ações que julgam adequadas, melhor é colocá-las como objetivo de ensino, estabelecendo as condições necessárias para tal; caminhar na direção de construir ambientes positivamente reforçadores, na família, na escola e na sociedade em geral, é uma meta que, embora difícil, deve ser buscada.

Se considerarmos a punição como a única forma de influenciar os outros, então é improvável que prestemos muita atenção a condutas desejáveis. Automaticamente adotamos uma conduta destrutiva para controlar o comportamento. Tentamos eliminar um comportamento indesejável, sem perceber que poderíamos nos livrar do comportamento indesejado pela simples construção de um novo comportamento para substituí-lo. Ou então, construímos um novo comportamento ensinando as pessoas como impedir ou fugir dos choques que lhes infligimos, deixando escapar a possibilidade de instalar a mesma conduta desejável reforçando-a positivamente. Se não perdermos de vista nosso princípio de orientação [procurar algo para reforçar positivamente, em vez de concentrar a atenção em algo para punir], encontraremos muitas ocasiões nas quais podemos alcançar os resultados que desejamos sem provocar os indesejáveis efeitos colaterais que acompanham a coerção. (Sidman, 2001, p. 250)

## Referências

- Alvarenga, P. e Piccinini, C. (2001). Práticas educativas maternas e problemas de comportamento em pré-escolares. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 14, n° 3, pp. 449-459.
- Burnett, C. (1998). School violence in an impoverished South African community. *Child Abuse & Neglect*, v. 22, n° 10, pp. 947-957.
- Guerra, V. N. A. A.; Santoro, M. Jr. e Azevedo, M. A. (1992). Violência doméstica contra crianças e adolescentes e políticas de atendimento: do silêncio ao compromisso. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v. 2, n° 1, pp. 71-96.
- Markward, M. J. (1997). The impact of domestic violence in Children. *Families in Society*, v. 22, n° 10, pp. 947-957.
- Sidman, M. (2001). *Coerção e suas implicações*. Campinas, Livro Pleno.
- Skinner, B. F. (1975). *Tecnologia do Ensino*. 1ª reimp. São Paulo, E.P.U. – Editora Pedagógica e Universitária.
- Youssef, R. M.; Attia, M. S. D. e Kamel, M. I. R. (1998a). Children experiencing violence I: parental use of corporal punishment. *Child Abuse & Neglect*, v. 22, n° 10, pp. 959-973.
- \_\_\_\_\_. (1998b). Children experiencing violence II: parental use of corporal punishment. *Child Abuse & Neglect*, v. 22, n° 10, pp. 975-985.
- Zanotto, M. L. B.; Moroz, M. e Gioia, P. S. (2000). Behaviorismo radical e educação. *Revista da APG – PUC-SP. Associação de Pós-Graduandos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*, v. 9, n° 23, pp. 217-237.

## Anexo 1 – Questões

*O que você faz, que costuma desagradar seus pais ou responsáveis?*

- saio e tenho amizades de que eles não gostam
- vou mal na escola
- cabulo aula
- namoro
- fico muito tempo fora de casa
- fumo
- bebo
- brigo em casa
- estrago ou quebro coisas na escola ou em casa
- não sou cuidadoso com minhas coisas
- outras coisas. Quais? \_\_\_\_\_
- não faço nada que desagrade

*Como seus pais ou responsáveis costumam agir quando você faz algo que lhes desagrada?*

- batem em você
- repreendem você
- discutem com você
- ignoram você
- xingam você
- tiram algo de que você gosta
- conversam com você
- obrigam você a fazer algo de que não gosta
- humilham você
- fazem comentários críticos sobre você com outra pessoa
- outra atitude. Qual? \_\_\_\_\_

*Quando seus pais ou responsáveis batem em você, que tipo de castigo físico eles costumam usar?<sup>8</sup>*

- batem com as mãos
- batem com cinta

8 Para as crianças que assinalaram a primeira alternativa na questão anterior.

- batem com chinelo/sapato
- batem com outro instrumento
- dão chutes
- outros castigos. Quais? \_\_\_\_\_
- não batem em mim

*Em que partes do seu corpo eles batem?*<sup>9</sup>

- cabeça
- rostos
- mãos
- pernas
- braços
- coxas
- costas
- nádegas
- outras partes. Quais? \_\_\_\_\_

*Como seus pais ou responsáveis costumam agir quando você faz algo que lhes agrada ou faz aquilo que eles esperam?*

- ignoram você
- elogiam você
- fazem comentários elogiosos sobre você com outras pessoas
- dão algo de que você gosta
- deixam fazer algo de que você gosta
- dizem que gostariam que você fizesse sempre
- dizem que você não faz mais do que a sua obrigação
- fazem outras coisas. Quais? \_\_\_\_\_

---

*Melania Moroz*

Professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação.  
Participaram como auxiliares de pesquisa Márcia Maria Marion,  
Maria Christina Magalhães e Regina Chicarelli  
E-mail: morozm@pucsp.br

9 Idem.